

## A ESCRITA EM MOVIMENTOS

Taiasmin Ohnmacht (Mestre em Psicanálise - Clínica e Cultura /UFRGS)<sup>1</sup>

Fui convidada para falar sobre meu processo de escrita.

Processo se caracteriza por movimento, processo não é cristalização. Quando cristaliza é fórmula, manual.

Portanto, em 46 anos de vida, posso falar de processos de escrita, diversos. Movimentos descontínuos, afetações e crises.

Comecei a me assumir como escritora ao longo de várias oficinas de escrita criativa e de duas publicações, uma coletânea de contos em 2012, e um livro independente em 2016 (*Ela Conta, Ele Canta*), em parceria com o poeta Carlos Soares.

Neste momento minha crise é política. Nada surpreendente. Espero mesmo, que seja de todos aqui. Talvez, o que possa surpreender, é que exista um outro tipo de crise política. Uma crise pela qual, qualquer que seja o desfecho, toda autora e autor negro, é afetado, em algum momento.

Assim como Conceição Evaristo, cresci em um lar habitado por histórias. Minha mãe, uma compulsiva e apaixonada leitora, era também excelente contadora de histórias. Intercalava histórias suas e da família com os livros que lia e me traduzia em um colorido todo próprio.

Lia por prazer, lia tudo o que lhe caísse nas mãos. Lia para sobreviver a um ambiente de pobreza e violência tão presentes na trajetória de negras e negros brasileiros. Da pobreza, ela conseguiu escapar e livrar seus filhos. Da violência do racismo, não.

Com minha mãe, aprendi a tomar os livros como portas, e as histórias como rotas de fuga, muito antes de *A História Sem Fim*, ou de meu primeiro contato com Nárnia.

Em casa, os livros e histórias. No colégio, as aulas de literatura e português – redação e produção textual –, não precisou de muito para eu me dar conta de que o espaço da

---

<sup>1</sup> Escritora. Possui graduação em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos e pós-graduação em Assessoria Linguística e Revisão Textual (FAPA). Mestre em Psicanálise - Clínica e Cultura (UFRGS). É autora do livro *Ela Conta Ele Canta* (Cidadela, 2016), em parceria com o poeta Carlos Alberto Soares. Participou da organização do e-book *Da Vida Que Resiste – Vivências de Psicólogas(os) Entre a Ditadura e a Democracia* (CRP/RS, 2014). Foi relacionada no catálogo *Intelectuais Negras Visíveis* (Malê, 2017), lançado na FLIP. Publica textos no blog *Tintura de Toth* (taiasmin.blogspot.com).

folha em branco era meu. Só meu, meu império. E também para perceber que nem todas as histórias foram contadas, nem seriam. E que nem todas as histórias contadas ou por contar, dariam conta das contas que eu tinha – e tenho.

Assim, entre poemas e prosa, no início da adolescência comecei a fazer da palavra escrita, minha palavra. E com a escrita, aprendi a criar o meu mundo, mundo possível. Não era para ser lida, era para ter existência

No início, identificada com autores do romantismo, escrevia poemas de amor que traduzissem minhas esperanças, temores e estranhezas adolescentes quando meu corpo se reconheceu morada da sexualidade.

Por muitos anos, escrever foi minha segunda vida que sustentou a primeira, um sustento feito de palavras. Se terminei o colégio, se cursei uma faculdade e me formei em psicologia, foi porque palavras, textos e histórias sustentavam o que não era, mas que precisava ser dito, ainda que só para mim, aqueles detalhes que passam, as insignificâncias (como diria Manoel de Barros) que não são vistas, muito menos ditas, e que precisavam ter existência para que a vida prática fosse suportável. Cadernos e cadernos manuscritos, em suas folhas pautadas, a pauta da busca por um sentido de vida, sempre em construção.

Mas se digo isso, se assim conto, é porque conto agora. É por que não sou mais aquela guria, aquela moça, é porque há tempo e distância entre mim e ela, é porque não escrevo mais só para dentro, porque não escrevo mais só.

Sou uma mulher negra de 46 anos. Por muitos anos acreditei no universalismo da literatura –essa pretensão também existe na minha área, psicanálise, assim como em todas as ciências humanas. Acreditei no universalismo da literatura lendo poetas e romancistas homens e brancos, Álvares de Azevedo, Drummond, Vinícius de Moraes, Mário de Sá Carneiro, Kafka, Shakespeare, Stephen King. Em meu imaginário, eles eram o universal. E, sim, na mesma época, li Cruz e Souza e Lima Barreto, mas se estamos colonizados pela ideia do universal da literatura, perde-se a força desses autores enquanto vozes de outras vozes. E, sim, eu li Machado de Assis, mas demorou muito para que soubesse de suas origens. Não esqueçamos: excesso de alvura também cega.

Em seguida, fui descobrindo Clarice Lispector, Florbela Espanca, Martha Medeiros, Marguerite Duras, Emily Brontë. Textos que me convidavam a uma intimidade inédita, a uma conversa teti a teti, olho no olho, sussurros em meus ouvidos. Foi pelas letras dessas mulheres que voltei meu olhar para o que escrevia. Estava lá a mulher, não

apenas a Tiasmin, mas muitas, com seus encontros e desencontros, com seus dramas e superações.

Na encruzilhada entre literatura e vida, olhando para o feminino, reencontrei o outro: o homem, em outro lugar. Um homem profundamente desalojado, incomodado, em crise, frente a mulheres que já não eram o que eles esperavam, e que nem queriam ser.

Assim, quando cheguei em minhas primeiras oficinas de escrita, quando optei pela prosa como expressão de minha escrita, esse já era um personagem constante, porque gosto de escrever sobre o desconcerto; gosto de falar sobre este homem perdido, decaído de sua centralidade fálica ao lado de mulheres convictas em seus novos lugares.

Assim, para cada voz feminina que enuncia:

Não sei se me caso  
Ou se belisco a bunda  
Dos homens que passam  
Tenho alguns pontos A à Z  
E nenhum cabaço  
Nem vergonhas  
Nem temores

Fofocas, sutiãs e salto alto  
Queimo com palitos de fósforo  
Emprestados (alguns pontos)<sup>2</sup>

Há uma voz masculina:

“Não sabia como encará-la. Pela manhã, vira apenas morte em seus olhos, nenhuma lágrima, nenhum abatimento, tampouco existia a versão em que ela lhe implorava para que ele não a deixasse. No fundo, sempre soube estar mais próximo das súplicas do que ela.

Conduzia seu carro em curvas alternadas de vítima e algoz. Aclives de justificativas, declives de arrependimentos. Não, ele não conduzia nada, era ela quem dirigia, quem determinava todos os rumos. Com raiva, sentiu-se impotente; um menino sem o direito de gozar sua travessura”<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Trecho do poema “Alguns Pontos”, publicado no blog Tintura de Toth (tiasmin.blogspot.com).

<sup>3</sup> Trecho do conto “Mudança de Direção”, publicado no livro *Ela Conta Ele Canta* (Cidadela, 2016).

Ler literatura, pensar a estética e frequentar oficinas de escrita, passaram a fazer parte, de modo consciente, de minha atividade de escritora que ganhou vida própria, não é mais segunda tela, anda em paralelo com minhas demais atividades, e conversa com elas.

Iniciei minha fala apontando para uma crise, não foi? Anunciei, inclusive, que tinha relações políticas. O meu movimento atual pergunta sobre o que de minha negritude aparece no que escrevo. Aparece? Como aparece? Diretamente? Precisa aparecer?

Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Ronald Augusto, Elisa Lucinda, vieram depois. Com eles, todas as minhas questões. Escrevo contos, me interesso por desenvolvê-los a partir de impasses vividos por personagens. Algo aí diz de eu ser uma autora negra?

Talvez o impasse de ser negra em uma país que cultua valores eurocêtricos, talvez o impasse de ser mulher em uma sociedade machista sustentem meu interesse pelo que não passa e se repete, e se repete buscando a cena que traga alguma diferença.

Sei que a autoria negra é matéria de muita discussão no campo literário. Suscita as perguntas: o que faz uma literatura ser negra? É uma resposta que se dá a partir da etnia do autor? De suas origens? Da temática? Do eu lírico? Tem escritores que sustentam que a literatura negra é um conceito em permanente construção.

Bem, para mim, é uma questão de escrita e de minha própria vida. É interrogar os meus textos e deixar que eles me interroguem. Não posso dizer que já tenha uma resposta pessoal ou estética que dê conta do assunto.

Há poucos anos atrás me propus a escrever uma história com personagens negros e brancos, a questão racial é tema central dessa história. Para minha surpresa, esbarrei na ausência de palavras que dessem conta da representação do corpo negro. Eu, logo eu que sempre me reconheci como negra, não sabia descrever um corpo preto, o meu corpo, sem sentir nas palavras disponíveis a excessiva proximidade do racismo. É preciso reinventar uma semântica para reconstituir esse corpo negro, ousar novas metáforas, subverter, é preciso criar linguagem.

Questionar a ideia de universalidade é uma necessidade para a pessoa negra, e esse rompimento tem estreita relação com a estética, com a estética do corpo e com a concepção de mundo. Penso não ser possível prever ou determinar como isso afetará a escrita, contudo como imaginar que tamanha reorientação de identificações e valores não se farão presentes nos textos desses escritores?

Com o propósito, de compreender como criar linguagem para falar do corpo negro, passei a frequentar o sarau de poesia negra, Sopapo Poético, lá, aprendi a falar deste corpo e com esse corpo. Lá, em inesperada intersecção escrita-psicanálise, o sopapo me questionou quanto à teoria psicanalítica e negritude. Agora sigo meu tecer negro no mestrado de psicanálise. O campo? Um sarau de poesia negra<sup>4</sup>.

Recentemente, ao escrever uma novela<sup>5</sup> que tem por cenário central um condomínio fechado e seus desconfortos, percebi, de modo mais nítido do que em outros momentos, que o racismo faria parte da violência consentida pela organização condominial. Afinal, estamos no Brasil, em uma história que se passa no Brasil, e que pretende verossimilhança.

A partir de então, em narrativas mais recentes e ainda não publicadas, a negritude está colocada, embora em movimentos incertos, em plena construção, por caminhos que propõe enlances estéticos entre escrita e política.

Mas, se formos pensar a negritude como uma relação singular com as origens e com a experiência de ser negro em uma sociedade racista, que é o modo como eu prefiro pensar, talvez não seja tão mau assim que esses movimentos entre escrita e política sejam flutuantes, que contenham inevitáveis riscos, e que tendam a uma constante desacomodação. Não é assim tudo o que pode ser chamado de criação?

---

<sup>4</sup> Sarau Sopapo Poético, sarau de poesia negra que acontece mensalmente em Porto Alegre.

<sup>5</sup> Novela *Visite o Decorado*, publicada pela editora Figura de Linguagem (2019).